



Vida ou morte? Formação do leitor cabralino a partir da Interarte

Autor: José Eduardo Gonçalves dos Santos / Luiza Moreira Dias

(Universidade Federal de Pernambuco – Programa de Pós-Graduação em Letras,
eduardo_goncalves_santos@hotmail.com; luiza_md@hotmail.com Orientadora: Adriana Rosa– Centro de
Educação/Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco)

Resumo: João Cabral de Melo Neto inscreveu-se na tradição da literatura brasileira graças ao seu modo singular de trabalho com a palavra: objetividade, inventividade e representação social. Isto faz com que professores e mediadores, em geral, da leitura literária julguem de fulcral importância *dar a ler* as obras cabralinas, ainda que encontrem alguma resistência na recepção do corpo discente. Assim, o trabalho que ora apresento vem tentar ser um oásis referencial para uma possibilidade de se levar João Cabral para a escola: a relação com as linguagens artísticas que já olharam para sua obra. Desse modo, proponho a partida da transcrição em Hq, da Animação Cinematográfica e da Canção – ora para chegar ao texto base (*Morte e Vida Severina*), ora para problematizar *os signos em rotação* (PAZ, 2013). A metodologia desta proposta felicita-se por trazer à baila uma discussão acerca de uma vivência real com os textos supramencionados, no âmbito do projeto de pesquisa e extensão *Sala de Leitura da Comunidade de Roda de Fogo*. Logo, a socialização dessa vivência pedagógica pretende auxiliar a mediação da obra de João Cabral com olhares de paridade entre as artes, tendo a aula de Língua Portuguesa – em seu eixo de Ensino de Literatura – o lugar de acontecimento da formação crítica-reflexiva em arte. Como referencial teórico, utilizarei às percepções de Clüver (2006) acerca da relação interarte por uma visão horizontal na relação da linguagem literária com as artes em geral, bem como a visão de Cândido (2006) que versa acerca do direito à literatura e à arte como modo de complexificação do ser social. Em linhas gerais, esta proposta visa contribuir com a formação do leitor literário em linhas de atuação relacional da literatura com as linguagens de tempo e espaço diverso e de alcance mais frequente dos alunos, com o objetivo central do alcance e da formação leitora crítico-reflexiva para além do espaço escolar.

Palavras-chave: João Cabral, Literatura, Interartes, Formação Leitora.

1. Por um efeito de início

Entre tantos os modos possíveis de se iniciar este tópico, começamos por um que – sem dúvida – fez memória: Sala de Leitura de Roda de Fogo, o local; alunos de uma escola próxima, o público alvo; *Morte e Vida Severina*, a obra mediada. João Cabral sempre entre nós evidenciando o altruísmo do *tecer manhãs*. A ocasião foi de encerramento do projeto didático de um professor amigo que apresentou a obra em sala, lendo-a com os alunos e estabelecendo algumas discussões, que se mostraram significativas para o acontecimento: *Livro do mês Morte e vida*. Como fugir, então, da prática escolar da leitura imposta, da obra escolhida, e fazer daquele momento *vida ou morte*? Melhor: como estabelecer uma mediação, a partir de uma obra já lida, sem cair no angustiante lugar da rememoração do enredo, da construção lírica e da contundência formal cabralina? Bem, naquele dia, a obra esteve presente, com seus elementos específicos, com sua força social, com a discussão acerca da formação dos grandes centros urbanos... No entanto, o que fez daquele dia uma reminiscência afetiva foi a opção de se pôr em contraponto as diferentes



linguagens: de se observar a canção, a adaptação para a animação em vídeo, para o Hq... Aquele dia foi marcado pelo encontro dos leitores com as múltiplas linguagens artísticas: sem estabelecer efeitos valorativos de melhor ou pior, uma vez que a obra literária fecundou e foi fecundada pelas transcrições abordadas. *Vida*.

Recuperar essa memória, no âmbito desta seção, é manter uma atuação em espiral, para a construção deste trabalho: João Cabral, poeta chave ao modo concreto de trabalhar a forma e realizar experimentos estéticos com a contundência de um engenheiro da palavra, o que vem de herança ao trabalho estético da poesia contemporânea como alguém que construiu uma poética forte e que possibilitou – ao seu modo – a integração entre as artes: que buscou se alinhar à perspectiva experimental e crítica – fazendo de sua percepção artística uma escrita sob o signo do experimentalismo rigoroso e crítico. Dota-se, ainda, de significativa importância essa reminiscência para indicar que já vem acontecendo, nas atuações metodológicas, práticas de integralização entre as linguagens artísticas, para evidenciar que a aula de Literatura – agora – já pode ser uma aula sobre os demais lugares de acontecimento e de renovação da linguagem literária. Isto segue, inclusive, por orientação dos documentos oficiais do Ministério da Educação (PCN, 2006, p. 29), haja vista que neles as concepções de língua e de literatura começam por apontar a multiplicidade e a importância de se (re)ver as modalidades de letramentos, uma vez que

o que se defende, portanto, é a absoluta necessidade de se avocar e levar adiante o desafio de criar condições para que os alunos construam sua autonomia nas sociedades contemporâneas – tecnologicamente complexas e globalizadas – sem que, para isso, é claro, se vejam apartados da cultura e das demandas de suas comunidades. Isso significa dizer que a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida – por exemplo, nos hipertextos na imprensa ou na internet, por vídeos e filmes, etc.

Desse modo, compreender que as novas mídias podem fazer parte do contexto escolar, sobretudo para a ampliação da compreensão de mundo e de estar no mundo – desses alunos – é começar a dar lugar às tendências em *intersemiose* que valorizam os *intermeios* de acontecimento das linguagens artísticas. É isso, pois, que este trabalho irá abordar em seu desenvolvimento, como modo de contribuir teórico e metodologicamente com a discussão dos toques e trocas entre as linguagens nas aulas de literatura.

2. Por uma educação da sensibilidade Intersemiótica

Naturalmente, com *os signos em rotação* (PAZ, 2013), tudo parece ter sido mais amplamente complexificado, inclusive o papel do educador que pretende ser mediador literário



atento e sensível às outras linguagens artísticas, fazendo do espaço sala de aula um lugar de paridade, de encontro entre as linguagens e de reflexão crítica. A compreensão de que educar é, antes de tudo, um ato político e de desvelamento de *discursos que gritam* e objetivam persuadir seu interlocutor para um fim muito específico, garantindo a manutenção do poder (Op. cit. GERALDI, 2003), pode levar o docente ao caminho de se auto afirmar enquanto o autor/ator de suas aulas: garantindo o procedimento genuíno de seu projeto (BUNZEN, 2009), na garantia de eleger textos que sejam significativos ao momento da turma. Nesse ínterim, incluímos a discussão de Barthes (2004, p. 43), que traz uma aguçada crítica aos manuais didáticos, no contexto francês – bem verdade – mas que bem se poderia aplicar à atuação didática em livros, no Brasil, por trazer as seguintes indagações:

Ao reler ou ao ler esse manual, que muito se parecia com aqueles que conheci no tempo em que era estudante secundário, fiz a seguinte pergunta para mim mesmo: será que a literatura pode ser para nós algo que uma lembrança de infância? Quer dizer: o que é que continua, o que é que persiste, o que é fala da literatura depois do colégio?

No Brasil, também, os manuais didáticos não parecem colaborar com a formação efetiva de um leitor de literatura, aquele leitor que voltará ao texto literário sem fazer dele uma nostalgia ou uma reminiscência do título citado em dado livro, de dada série (ano) escolar. Naturalmente, para se chegar a uma afirmação como essa, algum olhar mais aprofundado, no sentido de se analisar as questões em instrumentações críticas, se faz necessário. Assim, apresento uma entre tantas conclusões que se pode alcançar ao analisar Livros Didáticos de Língua Portuguesa – no Brasil – num artigo que se volta a observar o trato do texto literário contemporâneo:

ambas as obras didáticas discutem aspectos diversos referentes aos textos para leitura, promovendo discussões que vão desde os aspectos biográficos dos autores, passando pelos aspectos temáticos dos textos, até seus trabalhos formais com a linguagem. Contudo, tendo em vista a formação de um leitor crítico-literário, a recorrência de exploração destes aspectos nas atividades de leitura de ambas as obras didáticas é precária, e outros aspectos, como os intersemióticos, os concernentes a trabalhos em literatura comparada e aqueles voltados para a relação da obra com seu contexto histórico-social, são pouco ou sequer trabalhados. (GONÇALVES, E.; SIMÕES, P. 2014, p. 8)

Observamos, agora, que a menção ao não lugar dos encontros intersemióticos reforça a necessidade de se pensar a prática didática enquanto atuação autoral, de reivindicação do acesso ao livro e às mídias que com ele se relacionam, na busca de uma compreensão efetiva e afetiva em linguagem artística: tônica deste tópico.



Como lugar de relativização da assertiva contundente que se chegou o estudo supracitado, voltamos olhares, mais uma vez, aos documentos contextualizadores das práticas docentes em Língua e Literatura (PCN+, 2012, p. 46) que avocam a entrada de meios outros de organização artísticas e da porosidade entre eles como ponto elegível de construção de sentido, uma vez que – segundo o documento – “Trabalhos de ‘tradução’ Intersemiótica (poema para quadro; quadro para poema; texto narrativo para filme....) podem auxiliar na aquisição e no desenvolvimento dessa competência analítica.”, realizando considerações acerca da impossibilidade de não se levar para as salas de aula, como objetos de estudo, as organizações multimodais e hipertextuais para a construção de um saber analítico que sirva para que os alunos, cidadãos em formação, possam agir de modo crítico-reflexivo em seus meios. É válida, ainda, a ressalva de que a perspectiva do documento citado não impõe valorações de linguagens superiores, ou mesmo de dívida, entre o texto fundante e aquele que se estabelece no âmbito da transcrição Intersemiótica. Isto pode servir para a chegada à sensibilização de modo que a atemporalidade do primeiro texto passe a ser compreendida como fator sincrônico de leitura, do ir e vir para se chegar a “uma educação literária que não separe o valor estético e o valor social de uma obra” (ALMEIDA, C. 2012, p. 143). Cremos, assim, que a perspectiva sincrônica e intersemiótica possa libertar a literatura do perigo de ser apenas uma reminiscência escolar.

Ao propósito de tal avocação interartes, bem como de perspectiva histórica de renovação, buscamos vozes consoantes e a encontramos nas reflexões estabelecidas por Vicente Jouve (2012, p. 21) para quem a arte tem a função de apreensão do seu mo(vi)mento para uma ressignificação posterior, o que a embala numa cadeia sígnica de realizações e trocas, tendo o desestabilizar como forma primeira de revisão, à medida que ela revisa e amplia o mundo circundante: logo

a pintura abstrata nos confronta assim como outros códigos além daqueles que regem habitualmente nossa maneira de ver, tanto quanto uma obra literária atualiza certas possibilidades inéditas do sistema linguístico em que se inscreve.

Postas em paridades, as artes têm uma função de revisão do mundo e, portanto, de formação social, não podendo ser anulada ou mesmo excluída da agência escola: lugar onde, muitas vezes, se dá o contato primeiro com textos artísticos de modo significativo, ou não: *vida ou morte* para o amavio de se levar além a compreensão das linguagens artísticas como lugar de contestação social e de formação reflexiva.

Desse modo, compreendemos o professor como agente do *dar a ler* e de fazer com que o ato



da leitura seja uma prática socialmente relacionada às linguagens flutuantes com condições de construir um aluno leitor crítico-reflexivo, reafirmando o espaço escolar como lugar de encontro das práticas de leitura para além da pragmática, mas que passem por ela para criar uma atitude – pelo menos – motivadora. Na vastidão das colocações em Intersemiose, acerca da linguagem e da aceitabilidade das variadas produções, escolhemos aqui a linguagem artística, na educação pela arte e pelos filtros provocativos que essa possui. Nesse sentido, compreendemos que “o texto literário é plural, marcado pela inter-relação entre diversos códigos e o aluno deve compreender a interação entre literatura e outras áreas” (MARTINS, 2003, p. 9), a fim de poder se construir como agente social que poderá ser crítico frente aos eventos emergentes, a partir de uma percepção artística, com a relação entre a palavra e a imagem, entre o verso e a melodia, entre a voz e o corpo: entre os acontecimentos que surgem como forma de contestar e de transgredir o lugar do ser no mundo.

Tencionamos o intangível, neste tópico, como modo de vislumbrar a caminhos em vistas distantes das estrelas, querendo o contínuo alcance como modo de renovação e de inclusão das emergências de fala. Sim, tomamos conhecimento das dificuldades e mesmo das quase impossibilidades – dadas às condições precárias que professoras e professores atuam em suas salas de aula – não sendo motivo para assim não querer. A luta é diária, é política e estética: a arte, seja da palavra ou em variadas manifestações, pode nos auxiliar nesse processo de renovação metodológica, de ampliação e de consolidação do ensino de literatura que esteja mais do lado da música e das artes plásticas do que da linguagem pragmática, do serviço isolado e não contextual. Compreender, assim, que a intersemiose, enquanto campo teórico de proposta interdisciplinar, é uma entre outras possibilidades de se integrar – para além das produções de linguagem – sujeitos em linhas quase antagônicas, é promover a busca pela paridade social como ponto de minimização das diferenças e das atuações contrárias à prática escolar inclusiva, de qualidade e para todos. Precisamos fazer emergir *as vozes em movimento* como modo de interpelar nossos alunos à ocupação efetiva de um espaço que precisa, constantemente, se organizar pela afetividade.

3. Relato da experiência com a palavra sempre viva

Sobre a experiência de mediação com a obra em questão – *Morte e Vida Severina* – faz-se necessário uma breve contextualização acerca do coletivo envolvido com a realização dessa vivência literária. A Sala de Leitura de Roda de Fogo é um projeto de extensão que funciona há quatro anos e cujo objetivo é a democratização da leitura literária e a dessacralização do cânone, a partir de ações que acontecem em uma comunidade localizada no entorno da UFPE. Enquanto



coletivo, o projeto de extensão reconhece-se em constante formação ao cultivar leituras e pesquisas que possibilitem uma prática coerente e comprometida com suas atuações.

Como já então mencionadas, as ideias de Barthes (2004), em relação aos manuais franceses, coincidem com nossa proposta de promover um encontro com a literatura para além dos muros da escola, mas não necessariamente opondo-se às práticas escolares, e sim dialogando em um processo de questionamento e reflexão acerca dessas. Foi a partir de tal concepção, portanto, que ocorreu o Livro do Mês com a obra *Morte e Vida Severina*, na Sala de Leitura de Roda de Fogo, com amplo diálogo e troca com a prática do ensino de literatura em uma escola situada na comunidade que a dá nome.

O professor de Língua Portuguesa da escola em questão realizou, previamente, a leitura coletiva da obra de João Cabral de Melo Neto com os alunos do 2º ano do ensino médio; desse modo, pudemos, inicialmente, trocar as experiências de leitura com os alunos para então observarmos algumas questões relacionadas à linguagem cabralina e ao seu alcance social. A discussão, extremamente frutífera, permitiu-nos abarcar também conhecimentos de outras áreas – da geografia e da sociologia, por exemplo –, ao repensarmos o trajeto deste Severino retirante.

Em um segundo momento, foram apresentadas as releituras da obra *Morte e Vida* – em animação e em HQ – com o objetivo principal de refletirmos sobre as diferentes linguagens, suas especificidades e contribuições para com os sentidos do texto literário. Sem estabelecer hierarquia, os alunos puderam, então, contrapor as linguagens e ampliar suas experiências com a obra de João Cabral. Questões sobre a ideia de adaptação foram, ainda, levantadas, para que pudéssemos compreender que o sentido de adaptar vai além de uma transposição direta e exata de uma determinada obra em uma determinada linguagem para outra, pois adaptar implica esse processo de transcrição e ressignificação poéticas.

Em *O Arco e a Lira* (2012), Octavio Paz, poeta e teórico já mencionado no presente trabalho, apresenta tanto uma concepção transcendentalista da poesia, quanto uma concepção transartística dela, ou seja, que abarca o poético nos mais diversos sistemas de *signos*. Para Paz (2012), há um elemento criador presente em todos os signos estéticos, que os faz compartilhar o mesmo universo. O teórico, a esse respeito, afirma: “Um quadro, uma escultura, uma dança são, à sua maneira, poemas. E essa maneira não é muito diferente do poema feito de palavras. A diversidade das artes não impede sua unidade. Antes a ressalta.” (p.26). Essa ideia de Paz (2012) muito fundamenta as problematizações acerca da mediação literária realizadas por nosso coletivo de extensão, bem como direciona uma abordagem sincrônica e intersemiótica em nossas ações,

principalmente no relato da vivência em questão.

A mediação de *Morte e Vida* apresentou, portanto, esse caráter multissemiótico, a partir da contraposição das diferentes linguagens artísticas. Com a novela gráfica de Miguel Falcão (2005), por exemplo, pudemos analisar algumas imagens e refletir de que maneira a transcrição realizada pelo cartunista contribui para a ampliação do texto literário. Observamos, então, a minúcia dos traços e texturas dos desenhos que acabam por aludir à técnica da xilogravura, tão representativa no Nordeste e na literatura de cordel. Essa técnica traz, também, a ideia do trabalho do artesão e seu trato com o detalhe, na composição de cada traço, na elaboração de cada risco, que, por conseguinte, consagra a relação estabelecida com a poética cabralina.

Dando seguimento à mediação, ao assistirmos a animação produzida pela TV Escola – Fundação Joaquim Nabuco –, e dirigida por Afonso Serpa (2010), pudemos analisar outros elementos a partir da imagem em movimento, do som e da reprodução gráfica animada. Observamos que as imagens dessa animação apresentam o mesmo direcionamento estético da novela gráfica de Miguel Falcão, com desenhos em preto e branco e semelhantes traços. A estética da animação nos levou a relacioná-la, inclusive, a outro filme já discutido em um Livro do Mês anterior: *Vidas Secas* (1963), de Nelson Pereira dos Santos; um clássico representativo do Cinema Novo.

Em linhas gerais, a mediação com o livro *Morte e Vida Severina* nos afirmou, mais uma vez, o caráter inesgotável da obra de João Cabral. A partir das transcrições supracitadas, tivemos oportunidade de observar como a aspereza da obra de Cabral, sua abrangência social, a simbologia ligada à morte e sua palavra *viva* foram apreendidas nessas releituras constituídas de outras linguagens estéticas. Sem dúvida, a troca de experiências facilitada nessa vivência nos possibilitou lançar novos olhares para com a palavra literária.

4. Conclusão

Pensar o ensino de literatura e o espaço destinado à poesia em nossa sociedade contemporânea implica considerarmos a complexidade das novas linguagens tecnológica, bem como as fronteiras cada vez mais porosas entre as diferentes artes. No livro *Forma e Sentido: Poesia contemporânea*, organizado por Antonio Cicero e referente a uma série de palestras realizadas em uma conferência que ocorreu no Rio de Janeiro, em 2011, o crítico literário e músico José Miguel Wisnik, participante do encontro, afirma:

A poesia literária, ligada a uma espécie de flutuação de sentido, a um



silêncio augural, a uma suspensão do já dito, para quem faz e para quem lê, vê seu campo de ação minado num ambiente redobradamente pragmático, utilitarista, finalista e midiático, em que cada palavra é chamada, de saída, a dizer imediatamente a que veio e para que serve. (p. 170)

A crítica a uma sociedade que prioriza atividades pragmáticas e utilitaristas, efetivada pelo teórico acima, nos leva a concluir, portanto, que espaços como o da Sala de Leitura de Roda de Fogo são representativos e de grande resistência. A arte como um espaço de contestação e subversão. É com essa consciência que as ações realizadas pelo coletivo de extensão da Sala de Leitura são realizadas, com o principal objetivo de formar leitores de literatura que possam reconhecer a relação da mesma com as mais diversas linguagens artísticas ao priorizar o signo estético.

Referências

ALMEIDA, Cristina. **O elogio da forma literária** nas poéticas de Paul Valéry e Osman Lins.

Coleção Teses, UFPE: Recife, 2012.

BARTHES, Roland. **Reflexões a respeito de um manual**. (1969). In: BARTHES, Roland. (org.) **O rumor da língua**, ensaios. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRASIL/MEC. Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec). **Linguagens, Códigos e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: Ministério da Educação, 2006. (Orientações curriculares para o Ensino Médio; vol. 1).

_____. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BUNZEN, Clécio. **Dinâmicas discursivas na aula de Português: usos do livro didático e projetos didáticos autorais**. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas: São Paulo, 2009.

CÂNDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Edusp, 2006.

CICERO, Antonio (curadoria). **Forma e Sentido: Poesia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Editora do Estado do RJ, 2011.

CLÜVER, Claus. **Inter textos / Inter Artes / Inter Media**. In: Aletria, Minas Gerais, 2006.

FALCÃO, Miguel. **Morte e Vida Severina** – Novela Gráfica. Recife: Massangana, 2005.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GONÇALVES, Eduardo; SIMÕES, Pedro. **Atividades de leitura de textos literários contemporâneos em Livros Didáticos do Ensino Médio: a formação do leitor crítico-literário**. In:



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

Ao pé da Letra, UFPE: 2015.

JOUVE, Vicent. **Por que estudar literatura?** São Paulo: Parábola, 2012.

MARTINS, I. **Literatura em Sala de Aula: da teoria à prática escolar.** Recife: Programa de Pós-Graduação de Letras da UFPE, 2005.

NETO, João Cabral de Melo. **Morte e Vida Severina.** São Paulo: Alfaguara, 2007.

PAZ, Octavio. **O arco e lira.** 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

SANTOS, Nelson Pereira dos. **Vidas Secas** – Filme. Rio de Janeiro, 1963.

SERPA, Afonso. **Morte e vida Severina** – Animação. Massangana Multimídia, TV Escola – MEC –, Fundação Joaquim Nabuco: 2010.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br